



*A Investigação sob o Lema da  
Salvaguarda Didáctica*



[www.cta.ipt.pt](http://www.cta.ipt.pt)

**N. 09 // dezembro 2018 // Instituto Politécnico de Tomar**

**PROPRIETÁRIO**

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

**EDITORA**

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

**DIRECTORES-ADJUNTOS**

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

**DESIGN GRÁFICO**

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

**EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO**

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

**PERIODICIDADE**

Semestral

**ISSN**

2183- 1386

**ANOTADA DA ERC**

**REGISTADA NA INPI**

**CONSELHO CIENTÍFICO**

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Professora Auxiliar com Agregação Doutora Ana M. S. Bettencourt, Universidade do Minho

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo.

(MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine

Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores

**A NECRÓPOLE PRÉ-HISTÓRICA DE CHÃ DA MOURISCA  
(REFOIOS DO LIMA, PONTE DE LIMA) RESULTADOS  
PRELIMINARES DE UMA INTERVENÇÃO DE EMERGÊNCIA**

**THE PRE-HISTORIC NECROPOLIS OF CHÃ DA MOURISCA  
(REFOIOS DO LIMA, PONTE DE LIMA) PRELIMINARY RESULTS  
OF AN EMERGENCY INTERVENTION**

Luciano Miguel Matos Vilas Boas

Independent Researcher  
4710-407 Braga, Portugal  
[lucianomvb@gmail.com](mailto:lucianomvb@gmail.com)

Lucínia Gonçalves Oliveira

Independent Researcher  
4710-407 Braga, Portugal  
[lucinia@gmail.com](mailto:lucinia@gmail.com)

# A Necrópole Pré-Histórica de Chã da Mourisca (Refoios do Lima, Ponte de Lima): Resultados Preliminares de uma Intervenção de Emergência

## The Pre-Historic Necropolis of Chã da Mourisca (Refoios do Lima, Ponte de Lima): Preliminary Results of an Emergency Intervention

Luciano Miguel Matos Vilas Boas

Lucínia Gonçalves Oliveira

### Historial do artigo:

Recebido a 12 de novembro de 2018

Revisto a 30 de novembro de 2018

Aceite a 02 de dezembro de 2018

### RESUMO

A Necrópole de Chã da Mourisca (Refoios, Ponte de Lima) foi encontrada acidentalmente na primavera de 2010. Nessa altura foram detetadas três estruturas distintas, sendo a mais visível um monumento megalítico funerário. As outras duas são genericamente estruturas em negativo. Estas últimas foram alvo de uma campanha de escavação de emergência, durante os meses de julho e de setembro de 2018, devido ao facto de os sedimentos que as compunham estarem a ser lixiviados com as recorrentes chuvas dos últimos anos. Era nosso objetivo enquadrá-las cronológico-culturalmente de modo a tentar perceber se existiria alguma relação com o monumento megalítico que se encontra nas imediações.

Apesar dos resultados serem, ainda, parcelares foi possível identificar uma sepultura plana, que tinha a particularidade de estar assinalada com um bloco de granito, numa das suas extremidades. O aparecimento de um vaso largo bordo horizontal, depositado *in situ*, permitenos levantar a hipótese de que esta estrutura tenha sido construída durante a Idade do Bronze Médio. A interpretação da estratigrafia interna da estrutura que continha o vaso leva-nos a pensar que esta terá sido reutilizada, posteriormente, mas ainda durante a Idade do Bronze.

**Palavras-Chave:** Noroeste de Portugal, Idade do Bronze, Sepultura plana, largo bordo horizontal, Bronze Médio

## ABSTRACT

The Chã da Mourisca necropolis (Refoios, Ponte de Lima), was identified accidentally in the Spring of 2010. At that time, three different structures were detected, being the most visible a megalithic tomb. The other two are generally negative structures with different shapes. These were subjected to an emergency archaeological excavation, during the months of July and September 2018, since the sediments that compose them were being leached with the recurring rains of recent years.

It was our goal, to classify them culturally and chronologically, to try to understand if there could be interconnectedness between them and the megalithic tomb. Although the results are still partial it was possible to identify one flat grave, which had the peculiarity of being marked with a granite block at one of its ends. The appearing *in situ* of one ceramic vessel with the form called (large horizontal rim) large flat edges, allows us to raise the hypothesis that this structure may have been built during the Middle Bronze Age. The stratigraphic interpretation of this structure leads us to assume it has been reutilized, however still during the Bronze Age.

**Key-words:** Northwest of Portugal, Bronze Age, Flat Grave, Ceramic Vessel with Flat Edges, Middle Bronze Age.

## 1. Introdução

Na primavera de 2010 foram descobertas, casualmente, duas estruturas arqueológicas, em negativo, no corte norte e sul de um estradão em terra batida, na serra do Corno do Bico. Os perfis do caminho estavam parcialmente cobertos com musgo, no entanto, as chuvas que ocorreram nos dias anteriores à identificação das mesmas levaram a que ficassem à vista no corte norte uma estrutura em negativo que se assemelhava a uma “fossa” em forma de saco, e no corte sul, outra de contorno sub-retangular. Encontram-se ambas a sul de um monumento megalítico que dista cerca de 50 metros e que designámos por Mamoá da Chã da Mourisca (vd. **Figura 1.**).



**Figura 1.** Fossa de perfil em saco aquando da sua descoberta, em 2010, e estrutura de perfil sub-retangular. **Fonte:** Autores.

Durante o mês de dezembro de 2017 o local foi revisitado, tendo sido observado que o enchimento da estrutura que se assemelha a uma fossa estava a ser claramente afetado. O

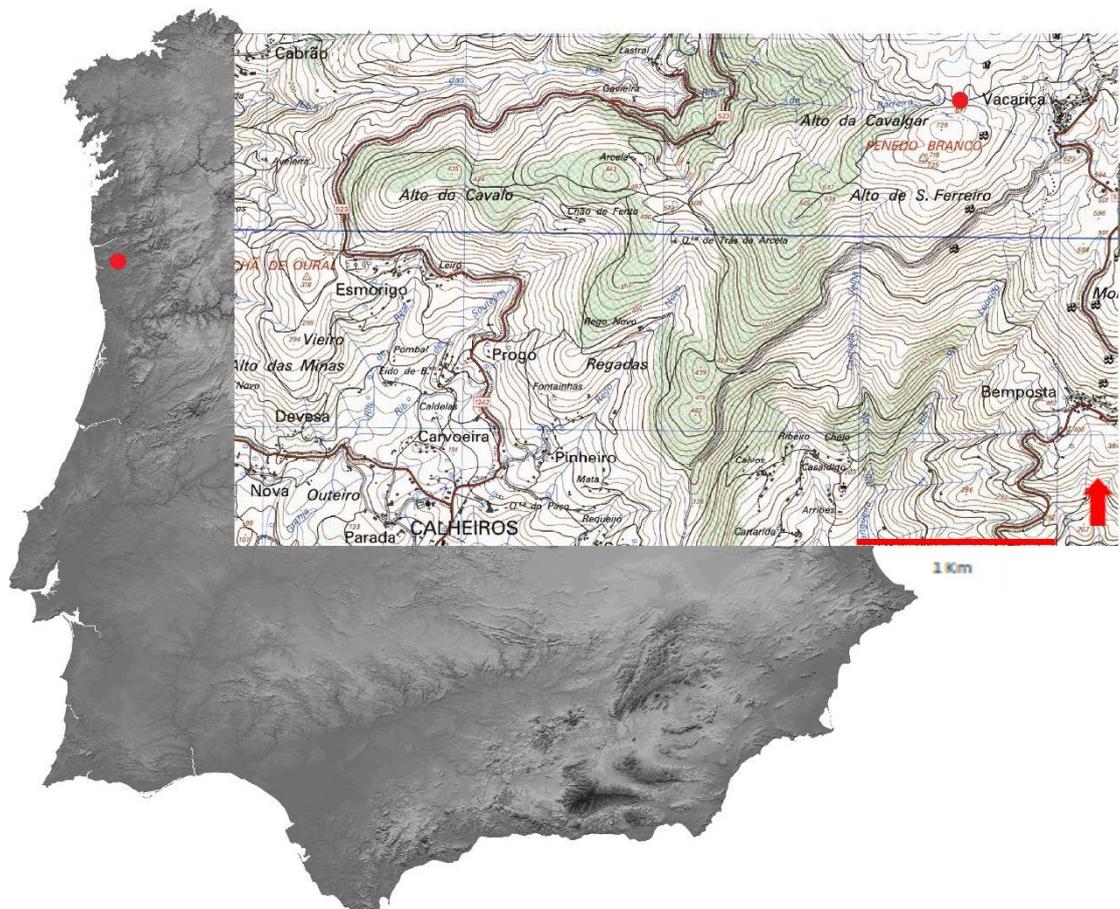
avançado estado de erosão do enchimento das estruturas, fez-nos temer que em pouco tempo as duas correriam o risco de desaparecer sem que tivessem sido registadas e estudadas. Este foi o principal motivo que nos levou a efetuar um pedido de autorização à tutela para aí desenvolver trabalhos arqueológicos.

O objetivo era inventariar e caracterizar as estruturas em risco, perceber como se poderiam articular com o monumento megalítico e prospetar as imediações para detetar novas ocorrências arqueológicas. Pretendia-se também a avaliação cronológico-cultural e funcional das duas estruturas em negativo, bem como a avaliação do seu valor científico/patrimonial, de forma a contribuir para o conhecimento da Pré-História Recente da bacia do rio Lima.

Pelos resultados entretanto obtidos, ainda que parciais, torna-se pertinente a sua publicação.

## 2. Localização administrativa, contexto físico e ambiental

A necrópole de Chã da Mourisca localiza-se no lugar da Vacariça, freguesia de Refoios do Lima, concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo. As suas coordenadas geográficas em graus decimais, segundo o sistema WGS84 são: Latitude 41°49'30.18"N e Longitude 8°32'16.34"W, à altitude de 697 m (vd. Figura 2).



**Figura 2.** Localização das estruturas em negativo na Península Ibérica e em excerto da Carta Militar de Portugal, nº 28, à escala 1:25000, ano 1996, 2ª edição. **Fonte:** IGE.

Este sítio localiza-se na base da vertente norte do monte do Penedo Branco, em plena serra do Corno do Bico, num colo de orientação este-oeste. Ligeiramente a nordeste das estruturas encontra-se um alvéolo, também designado por Chã da Lagoa, que se encontra protegido dos ventos a norte, a oeste e a sul e onde existe um importante lameiro. A oeste da Chã da Mourisca corre o ribeiro de Barreiros, afluente do ribeiro das Pias que, por sua vez, desagua no rio Labruja, afluente do rio Lima. No alvéolo nasce um pequeno ribeiro sazonal que drena para o ribeiro das Estacas, afluente do rio Cabrão, que também integra a bacia do rio Lima.

O substrato geológico, segundo a Carta Geológica de Portugal, folha 5A, é composto por granito profiróide de grão grosseiro ou médio a grosseiro, calco-alcalino, biotítico. A distâncias compreendidas entre os 5 e 6 km para oeste existem diversas jazidas primárias e explorações mineiras abandonadas de estanho.

A vegetação local é essencialmente arbustiva, composta por tojo, giestas, fetos e por herbáceas. Nas imediações também são observáveis carvalhos, eucaliptos e pereiras bravas. É de salientar que a visibilidade a partir do sítio onde foram realizadas as sondagens é pouco abrangente e circunscreve-se às vertentes que rodeiam o local. A exceção é feita para este-sudeste com visibilidade para as serras Amarela, Gerês e Mezio.

### 3. Metodologia

A metodologia proposta para a realização das sondagens arqueológicas, obedeceu às normas técnicas constantes no Regulamento de Trabalhos Arqueológicos (Decreto-Lei nº 164/2014, de 4 de novembro).

A realização do presente estudo contemplou o registo de todos os elementos patrimoniais relevantes, recorrendo-se para tal à realização de duas sondagens arqueológicas de diagnóstico, de 2m x 2m.

Este registo compreendeu o levantamento fotográfico das sondagens e área envolvente; a recolha de materiais dispersos à superfície; o estabelecimento de um ponto ao qual foi atribuído uma quota com valores absolutos, servindo de base ao levantamento topográfico e ao levantamento de quotas de estruturas ou materiais in situ; levantamento topográfico das áreas intervencionadas com a implantação das sondagens arqueológicas; execução de registo gráfico de planos e de perfis estratigráficos; remoção manual das camadas sedimentares pela ordem inversa à da sua deposição natural; registo das camadas estratigráficas identificadas em fichas descritivas; recolha de sedimentos do interior das duas estruturas para flutuação e crivagem a seco e futuras análises sedimentares; registo fotográfico de todas as realidades documentadas graficamente; registo tridimensional do espólio mais significativo localizado em contexto selado.

A classificação formal das cerâmicas exumadas foi efetuada recorrendo à tabela formal de Bettencourt (1999).

### 4. A Escavação

A intervenção arqueológica materializou-se com a implantação de duas sondagens de 2x2 m, tentando abarcar cada uma das estruturas de modo a poder caracterizá-las convenientemente.

Assim, a sondagem 1 foi implantada na área da fossa do perfil norte do caminho (fossa 1), e a sondagem 2 foi implantada de forma a caracterizar a estrutura que se assemelhava a uma sepultura plana, existente no perfil sul do estradão (vd. Figuras 3., 4., 5. e 6.).

#### 4.1. Sondagem 1

##### 4.1.1. Estratigrafia

**Camada 1:** Sedimento homogéneo quanto à sua coloração, que se revelou castanha escura, de composição areno-argilosa e bastante orgânica, pouco compacto e com granulometria média. Revelou inclusões de raízes e de calhaus. Corresponde à camada humosa.

**Camada 2:** Sedimento homogéneo quanto à sua coloração, que se revelou castanha clara, de composição areno-argilosa, medianamente compacto e de granulometria média a fina. Revelou inclusões de raízes e de calhaus angulosos. Corresponde a um solo sob a camada humosa.

**Camada 3 (Estrutura 1):** Sedimento homogéneo quanto à sua coloração que se revelou castanha escura, de composição areno-argilosa, compacto e de granulometria média a grosseira. Revelou inclusões de carvões de pequena dimensão. Corresponde ao enchimento da estrutura que se dispunha na horizontal.

**Camada 4:** Alterite granítica.



**Figura 3.** Registo inicial e foto do primeiro plano de escavação da sondagem 1. **Fonte:** Autores.

##### 4.1.2. Estrutura 1 (fossa)

Esta estrutura, mutilada pela abertura do caminho, encontrava-se mais destruída e com menos sedimentos do que quando foi encontrada em 2010. Tinha secção oval com o topo mais estrangulado e base arredondada. No fundo existia um buraco de poste. A profundidade máxima da secção da fossa escavada era de 1,02 m e a sua largura máxima era de 0,80 m. O buraco de poste tinha de profundidade 0,42 m e um diâmetro de 0,22 m. Não nos foi possível aferir a relação estratigráfica entre a estrutura e a camada 1 e 2, ainda assim, pareceu-nos existir um enchimento único correspondente à camada 3. A camada 1 parece tapar a fossa (vd. Figuras 3. e 4.).



Figura 4. Fotos finais após a escavação da fossa e do buraco de poste aí existentes. Fonte: Autores

#### 4.1.3. Espólio

Nesta estrutura não foi detetado qualquer tipo de espólio cerâmico, lítico ou metálico. Foi recolhida a totalidade dos sedimentos para uma posterior flutuação ou crivagem a seco ou análises sedimentares.

### 4.2. Sondagem 2

#### 4.2.1. Estratigrafia

**Camada 1:** Sedimentos homogêneos quanto à coloração que se revelou castanha escura, a sua composição era areno-argilosa e bastante orgânica, pouco compacto e de granulometria média. Esta camada revelou inclusões de raízes, calhaus, vidro, cerâmica e líticos. Corresponde à camada humosa.

**Camada 2:** Sedimentos homogêneos quanto à sua coloração, que se revelou castanha mais clara do que a camada anterior, de composição areno-argilosa, medianamente compacto e com granulometria média a grosseira. Esta camada revelou inclusões de raízes, calhaus, cerâmica e líticos. Cobria a camada onde foi aberta a estrutura bem como o enchimento da mesma.



Figura 5. Perfil da estrutura 1 da sondagem 2 durante e após a escavação. Fonte: Autores.

**Camada 3:** Sedimentos heterogêneos quanto à sua coloração, essencialmente, castanha escura, apresentando algumas manchas mais negras e mais orgânicas e outras mais claras e arenosas. A sua composição era areno-argilosa e a sua compacidade média, assim como a granulometria. Esta camada localizava-se na zona central da estrutura. A base desta camada era constituída por

sedimentos homogêneos, mais negros e orgânicos. Revelou a inclusão de cerâmica e de líticos. Camada de enchimento da estrutura e de reutilização.

**Camada 3a:** Sedimentos homogêneos quanto à sua coloração revelando-se acinzentados, de composição arenosa, medianamente compactos e de granulometria média a grosseira. Estavam presente junto às paredes laterais da estrutura e existiam desde o topo à base, nomeadamente na área onde se encontrava o bloco granítico, isto é, na extremidade noroeste da estrutura. Revelou inclusões de radículas e de cerâmica. Trata-se do enchimento mais antigo da estrutura.

**Camada 4:** Sedimentos homogêneos quanto à sua coloração, que se revelou castanha muito clara. A sua composição era areno-argilosa, medianamente compacto e de granulometria média. Apresentou inclusões de raízes. Corresponde possivelmente ao contacto da base da camada 2 com o substrato geológico.

**Camada 5:** Alterite granítica.



**Figura 6.** Pormenor de vaso largo bordo horizontal *in situ* e da sua localização genérica na estrutura. **Fonte:** Autores.

#### 4.2.2. Estrutura

A estrutura 1 da sondagem 2 revelou-se particularmente peculiar. A observação do corte deixado pela abertura do caminho parecia revelar uma estrutura com um enchimento único e de secção sensivelmente sub-retangular. Isto não se verificou, após a escavação, tendo a estrutura revelado duas camadas de enchimento: a camada 3 e a camada 3a. A planta desta estrutura não foi ainda totalmente definida, uma vez que esta se prolonga para o corte sul da sondagem efetuada. Ainda assim, a sua planta parcelar revela-se tendencialmente sub-retangular com orientação noroeste-sudeste. O perfil deixado pela abertura do caminho revelava que teria uma profundidade máxima de 0,55 m e 0,72 m de largura máxima. No entanto, após a sua escavação verificou-se que a estrutura alargava e se tornava mais profunda, atingindo 0,61 m de profundidade, 1,18 m de largura na base e 1,10 m de largura ao nível do topo. O fundo era aplanado. Perante estas características, parte-se do princípio de que a área exposta no corte do caminho correspondia à extremidade norte desta estrutura.

Uma das suas particularidades é o facto de estar assinalada por um bloco de granito local, junto da sua extremidade norte. Este bloco, apesar de ligeiramente inclinado, parecia estar *in situ*, tendo sido implantado durante a primeira fase de construção e utilização da estrutura. O bloco, sem qualquer gravura, tem secção poligonal e mede cerca de 85 cm de altura, por 44 cm de largura (vd. **Figuras 5. e 6.**).

#### 4.2.3. Espólio

O espólio não foi ainda alvo de um estudo exaustivo pelo que aqui serão apresentados, apenas, alguns dados genéricos da cerâmica das camadas 3 e 3a, ou seja, as que correspondem ao enchimento da estrutura.

**Camada 3:** Nesta camada foram exumados um total de 5 fragmentos de cerâmica de fabrico manual, pastas arenosas e cozeduras reductoras. Deste conjunto 1 corresponde a um bordo reentrante, de lábio arredondado, outro a 1 bojo decorado com a técnica de incisão e os restantes a bojos não decorados (**vd. Tabela 1.**).

As dimensões destes fragmentos são muito pequenas, tendo menos de 4 cm, e as arestas encontram-se, pouco boleadas. As suas superfícies externas e internas também estão pouco erodidas.

FRAGMENTOS	QUANTIDADE
Bordo	1
Bojo	3
Bojo decorado	1
Totais	5

Tabela 1. Conjunto de cerâmicas exumadas da camada 3. Fonte: Os Autores

**Camada 3a:** O bloco pétreo, marcador desta estrutura, estava inserido, parcialmente, nesta camada.

Quanto ao espólio cerâmico exumado, apenas se identificou um recipiente cerâmico completo, depositado sobre a base da estrutura, talvez sobre matéria prima perecível (madeira, tecido, osso), pelo facto de ter uma base arredondada e de ter sido encontrado inclinado. O vaso estava localizado sensivelmente a meio da estrutura escavada, mas próximo da parede oeste da mesma.

Trata-se de um vaso de largo bordo horizontal, ou seja, corresponde à forma 13c da tabela formal de Bettencourt (1999). Expressa um fabrico manual, cozedura reductora, e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo e de feldspato. O bordo, em aba horizontal, oscila entre 1,9 e 2 cm, o lábio é arredondado, o bojo é, também, arredondado e a base convexa. Não apresenta asa.

Tem um diâmetro que varia entre os 10 e 10,4 cm. A única fratura existente localiza-se no bordo, do qual falta um pequeno fragmento, embora o vaso pareça ter sido depositado assim. A fratura apresenta-se angulosa o que parece demonstrar que não esteve presente a agentes erosivos, podendo ter-se fraturado num momento próximo à sua deposição.

A parede exterior é alisada e a interior não foi caracterizada devido a conter ainda os sedimentos que preenchem o recipiente e que seguirão para análises diversas. Aparentemente apresenta alguma fuligem numa secção exterior do bojo e do bordo. O recipiente não foi lavado porque será submetido a análises de química orgânica para determinar a sua composição.

Este vaso apresenta-se decorado com a técnica incisa metopada na parte interna da aba. A sua organização decorativa inclui a alternância de incisões de ponta romba, variáveis em número de cinco ou de seis, formando sulcos paralelos entre si e paralelas ao lábio, com sulcos em número

de nove, paralelos entre si e perpendiculares ao lábio. A contabilização dos sulcos pode não ser precisa em algumas das bandas, porque parte delas encontra-se oculta sob uma fina camada de fuligem e ou de outro componente indeterminado (vd. **Figura 7.**).



**Figura 7.** Vaso largo bordo horizontal (forma 13c de Bettencourt), encontrado na estrutura 1 da sondagem 2. **Fonte:** Autores.

## 5. Discussão dos dados e algumas considerações

A necrópole de Chã da Mourisca foi alvo de uma intervenção arqueológica de emergência, que incidiu sobre duas estruturas em negativo, que se encontravam nos cortes de um caminho em terra batida. Para tal foram implantadas duas sondagens de 2x2 m, cada uma delas sobre as estruturas até então detetadas.

A Sondagem 1 implantada sobre uma possível fossa permitiu encontrar uma estrutura desse tipo, de perfil oval, em forma de “saco”, apesar de estar já numa fase avançada de destruição. Esta estrutura tinha a particularidade de conter aquilo que interpretamos como sendo um buraco de poste, de contorno circular e relativamente profundo, o que é muito raro neste tipo de estruturas, podendo, pela sua profundidade e largura (0,42 m por 0,22 m) ter contido um tronco de madeira de alguma envergadura. Terá esta estrutura, tido a funcionalidade de albergar um tronco? Se assim fosse, que funcionalidade teria esse tronco? E em que período foi construído? Teriam existido outras deposições perecíveis? Não temos resposta para estas questões, tanto mais que não foi encontrado qualquer espólio no interior desta fossa. A inexistência de espólio arqueológico nesta estrutura, também não nos permite aferir a sua cronologia mesmo que de uma forma relativa. Ainda assim, a existência de carvões poderá contribuir para uma melhor compreensão da sua cronologia se datados por radiocarbono. Contudo, como hipótese de trabalho não nos parece descabido pensar que esta foi construída

durante a Pré-história Recente tendo em conta a existência, nas imediações, de um monumento megalítico e de outra estrutura que se insere na Idade do Bronze.

Os paralelos que se aproximam desta realidade encontram-se no povoado/necrópole de Cimalhas, freguesia de Sernande, em Felgueiras, nomeadamente no caso da estrutura 105, atribuída à Idade do Bronze Final. Sobre esta estrutura dizem Almeida e Fernandes (2008: 40) “Ao contrário de todas as outras cujo fundo era o substrato saibroso, esta fossa possuía um fundo falso em argila. Uma vez removido, foi possível identificar que existia uma pequena cavidade repleta de cinzas”, tendo-a identificado como sendo uma fossa de cremação.

Outros paralelos em que fossas se associam a buracos de poste encontram-se no lugar de Vale Ferreiro, freguesia de Serafão, concelho de Fafe, datado de vários períodos da Idade do Bronze e articulado com práticas funerárias (BETTENCOURT et al., 2005). Aí, na estrutura designada por fossa 9, datada de entre o séc. XII a X AC (Bronze Final), articulavam-se 12 buracos de poste que se situavam, ora no seu interior, ora no exterior, tendo levado os autores a considerarem-na como uma espécie de casa-túmulo. Neste local, também ocorrem outras fossas, pouco profundas, que se associam ao que parecem buracos de poste, adossados pelo exterior, interpretados por Sampaio (2014a) como possíveis elementos de sinalização de estruturas e deposições subterrâneas. Em cronologias mais recentes, como é o caso da Quinta do Amorim, em Braga, foi detetada uma fossa de contorno retangular, a nº 25, provavelmente romana, onde, no seu interior “... descaída para o quadrante nordeste, foi identificado uma pequena depressão (buraco de poste?) de contorno circular, secção em “U” e base arredondada, com 11 cm de diâmetro e 25 cm de profundidade” (SAMPAIO, 2014: 420).

As fossas são estruturas bastante comuns desde a Pré-história até à época contemporânea. A sua funcionalidade é variável conforme o seu contexto e os seus depósitos internos. Podem ser estruturas sepulcrais, de armazenamento, fornos de cozedura de cerâmica, fornos metalúrgicos, locais para compostagem, fossas detriticas, etc. (MARTIN-SEIJO, et al. 2017) e a “Archaeology shows that every feature (pit) might have performed successive roles (MACPHAIL et al., 2008; ROJO et al., 2008; JOY, 2015; BALBO et al., 2015; HOWEY, FREDERICK, 2016)” (MARTIN-SEIJO, et al., 2017: 528). Contudo, as condições de sedimentação que foi possível analisar e o provável buraco de poste indiciam que esta fossa parecia conter um depósito primário.

A sondagem 2 revelou uma estrutura, a qual não foi ainda possível caracterizar na sua totalidade. Vista de perfil tem uma secção sub-retangular e, em plano, a área escavada revela uma planta sub-retangular com uma orientação noroeste-sudeste, com mais do que 2 m de comprimento, por 1.10 m de largura (ao nível do topo) e de 1,18 m de largura (ao nível da base), e 0,61 m de profundidade. Estava sinalizada, na extremidade norte, com um bloco granítico. A forma, contexto e a deposição do vaso de bordo horizontal levam a considerar que se está perante uma estrutura de enterramento do tipo das sepulturas planas, embora algo atípica. De ter em conta que para a Idade do Bronze do Noroeste português se tem defendido a existência de marcadores de sepulturas planas. Tal é o que parece ocorrer no sítio do Pego, freguesia de Cunha, em Braga, onde “The angular pebble identified at the South-west top of grave 11, interpreted as a marking element, lead us to hypothesize that some of these structures may have been marked with perishable materials and/or additional structures” (SAMPAIO, BETTENCOURT, 2014: 54).

Tendo em conta a cronologia atribuída a este tipo de vasos é de todo aceitável enquadrar a abertura desta estrutura durante o 2º milénio AC, muito provavelmente, no Bronze Médio (BETTENCOURT, 1997, 2010, 2011, 2013; SAMPAIO, 2014a, 2017).

A reutilização desta “eventual sepultura plana”, está bem patente na camada 3 e assume um carácter particular pois parece que quem a reabriu conhecia a sua localização e orientação exata.

Tal pode ser explicado se o monólito granítico tivesse sido um claro marcador da sepultura ali existente, o que teria tornado visível a “invisibilidade” da estrutura enterrada, para aqueles que por ali passassem.

A reutilização não se estende pela totalidade da sepultura e a sua funcionalidade é desconhecida, dadas as características de enchimento e dos materiais aí encontrados. No entanto, as suas características técnicas, formais e decorativas, inserem-nos na Idade do Bronze, como, por exemplo, a presença de um bordo como um lábio serrilhado que é conhecido no Noroeste de Portugal em contextos do Bronze Médio ou Bronze Final (Bettencourt & Fonseca, 2011).

Quanto à localização das sepulturas planas, Bettencourt (2010: pp.158) defende “que las necrópolis de sepulturas “opacas” (cistas sin tumuli, sepulturas planas e fosas), localizadas en áreas de importante potencial agrícola y en las inmediaciones de los poblados, fueron construidas por comunidades sedentarias, muy implicadas en actividades agrícolas, com un marcado sentido de la territorialización y un dominio y conocimiento profundo del territorio. En cambio las comunidades conectadas a las prácticas pastoriles y com modos de vida que implicarían mayor movilidad, serían las responsables de la construcción de estructuras funerarias más visibles, como los monumentos bajo tumuli de tradición megalítica, alejados de los poblados.”. A autora defende ainda que “las sepulturas simples, de forma oval o rectangular, excavadas en el substrato rocoso, a veces cubiertas por una potente capa de arcilla o com pequeñas concentraciones de piedras. Sin ofrenda o conteniendo sólo recipientes cerámicos se distribuyen en territorios conectados com valles fértiles, frecuentemente cerca de poblados” (BETTENCOURT, 2010: 151).

A Chã da Mourisca parece mostrar algo diferente. O local situa-se a quase 700 m de altitude, numa zona montanhosa com colinas em volta que ultrapassam os 720 metros. O relevo e a sua altitude, parecem articular-se melhor com a pastorícia, no entanto a presença de inúmeros lameiros, nas imediações, e de um grande lameiro contíguo ao local, podem ter possibilitado uma agricultura sazonal, de altitude. Também é possível que as comunidades que vieram aqui tumular, na Idade do Bronze, praticassem uma pastorícia sazonal nas zonas altas da serra, aliada a uma agricultura em zonas mais baixas. De qualquer modo esta sepultura plana, mas atípica em relação às encontradas em áreas de vale, e marcada por um bloco de granito de 84 cm de altura, não era um local totalmente invisível e obedece à lógica de tornar a morte visível em áreas de altitude, tal como Bettencourt (2010) também defendeu.

Resta-nos chamar a atenção para os micro topónimos do local, Chã da Mourisca e Chã da Lagoa. O topónimo Chã da Mourisca parece revelador que a memória das comunidades preservou e perpetuou uma imagem metafórica de algo importante que no passado ali teria existido, o segundo, está claramente associado ao lameiro ali existente que possibilita boas condições de pastagem.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Pedro B.; FERNANDES, Francisco – O Povoado da Idade do Bronze da Cimalha. In **Oppidum**. número especial, (2008), p. 29-44.

BETTENCOURT, Ana M. S. - Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular. In **Actas do IIº Congresso de Arqueología Peninsular**, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, (1997), p. 621-632.

BETTENCOURT, Ana M. S. – **A paisagem e o homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC.** Braga: Universidade do Minho. Vol. 1 (Tese de Doutoramento), 1999.

BETTENCOURT, Ana M. S. – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península: un análisis a partir de las prácticas funerárias. In **Trabajos de Prehistoria**, 67. 1, (2010), p. 139-173.

BETTENCOURT, Ana M. S. – Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In BUENO, Primitiva; GILMAN, A.; MARTÍN MORALES, C.; SANCHES-PALENCIA, F. J. (eds.) **Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Bibliotheca Praehistorica Hispana.** Madrid: CSIC 27. (2011), p. 115-139.

BETTENCOURT, Ana M. S.– **The Prehistory of North-western Portugal. ARKEOS.** Braga/Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo/CITCEM, Vol. 36., 2013.

BETTENCOURT, Ana M. S.; FONSECA, Jorge - **O povoado da Idade do Bronze de Lavra, Matosinhos. Contributos para o estudo do Bronze Médio no litoral Norte, Matosinhos: centro de Investigação Transdisciplinar. Cultura, Espaço e Memória, CITCEM, 2011.**

BETTENCOURT, Ana M. S. [et. al.] - The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal. In **Journal of Iberian Archaeology**. 7, (2005), p. 157-175.

MARTIN-SEIJO, Maria [et. al.] - Disentangling the life-cycles of Bronze Age pits: A multi-stranded approach, integrating ceramic refitting, archaeobotany and taphonomy. In **Journal of Archeological Science: Reports**. 12, (2017), p. 528-542.

SAMPAIO, Hugo A. - **A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal).** Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), 2014. 420 p.

SAMPAIO, Hugo A. - Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na bacia hidrográfica do rio Ave (Noroeste de Portugal). In **Arqueologia em Portugal. Estado da Questão.** Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, (2017), p. 787-799.

SAMPAIO, Hugo A. - A necrópole da Idade do Bronze do Corvilho (Santo Tirso): novos dados para a sua contextualização cronológica. In **Arqueologia em Portugal. Estado da Questão.** Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, (2017), p. 801-809.

SAMPAIO, Hugo A.; BETTENCOURT, Ana M. S. – Between the valley and the hilltop: Discoursing on the spatial importance of Pego's Bronze Age necropolis, Braga (Northwest of Portugal). In **Estudos do Quaternário**, 10, (2014), p. 45-57.

## CARTOGRAFIA

TEIXEIRA, Carlos; MEDEIROS, A. Cândido de; COELHO, Coelho, A. Pinto – **Carta Geológica de Portugal**, Folha 5-A, Viana do Castelo (Material Cartográfico) / Serviços Geológicos de Portugal - Escala 1: 50.000 – Lisboa: S.G.P., 1972.

TEIXEIRA, Carlos; ASSUNÇÃO, C. Torre de – **Carta Geológica de Portugal**, Folha 1 – C, Caminha (Material Cartográfico) / Serviços Geológicos de Portugal - Escala 1: 50.000 – Lisboa: S.G.P., 1961.